

*A poesia brota
do Cerrado,
lírica e telúrica,
como as flores
do ipê florescem
na Primavera*

*Amo o quê há de
ambíguo num
porto de mar, que
convida a partir e
ensina a ficar...*

Cassiano Nunes

**DF
LETRAS**

A REVISTA CULTURAL DE BRASÍLIA

ANO IV

Nº 39/43

CÂMARA LEGISLATIVA DO DISTRITO FEDERAL

IMPRESSO

CONTRATO Nº 3956/91
ECT/CÂMARA LEGISLATIVA/DF
UP: AC/CÂMARA LEGISLATIVA

Cassiano Nunes

Um dos intelectuais mais solicitados de Brasília, pela relevância de seu trabalho e pelo carisma de sua presença, Cassiano Nunes granjeia prestígio em todo o país e no exterior. Constantemente é convidado para proferir conferências e participar de encontros literários, cabendo destacar sua presença como professor nos Estados Unidos e em cursos e debates realizados em países como Alemanha, Equador, Portugal, Cabo Verde e Cuba.

Um caso de amor com Brasília

Entrevista concedida a
João Carlos Taveira
para a DF Letras



Autor de vários livros publicados e detentor de dois prêmios da Academia Brasileira de Letras, em 1985, o poeta e ensaísta Cassiano Nunes, residente em Brasília desde 1966, para onde veio por indicação de Carlos Drummond de Andrade para ocupar vaga na Universidade de Brasília, recebeu recentemente o título de Cidadão Honorário, conferido pela Câmara Legislativa do Distrito Federal.

Como parte das comemorações dos seus 76 anos, a Fundação Casa do Penedo, de Alagoas, sob a coordenação do jornalista e escritor Maurício Melo Júnior, reuniu os seus principais ensaios no livro *Vinte Vezes Cassiano*, editado pela Thesaurus; e as Edições Galo Branco, do Rio de Janeiro, publicaram a primeira parte de suas poesias completas.

Além de ser um dos principais estudiosos da obra de Monteiro Lobato, Cassiano Nunes é hoje um dos maiores defensores de Brasília e da marcha para o oeste, para afirmação da nossa nacionalidade. Para ele, "os males básicos do país não podem conspurcar o ideal de Brasília. A cidade é viável. Mais do que isto: a cidade prova, com facilidade, o seu progresso".

Nesta entrevista, Cassiano Nunes repassa pontos de sua trajetória cultural e reclama que os intelectuais não são convocados para participar da formação dos jovens: "Os jovens da atualidade não são maus. Eles são, na verdade, abandonados numa sociedade egoísta e fútil."



“A crítica literária não morreu; o que morreu foi o jornalismo inteligente feito primordialmente por intelectuais”

E N T R E V I S T A

JCT - Inicialmente, gostaria de saber como você vê o movimento literário na Capital da República.

CN - Cheguei a Brasília no princípio de janeiro de 1966, depois de ter participado intensamente da vida literária paulista, de ter vivido e lecionado nos Estados Unidos... A diferença de ambiente foi grande mas curiosamente havia mais animação literária em Brasília na década de 70 do que hoje... Jornalistas-escritores como Almeida Fischer dirigiam suplementos literários bastante vivos; havia encontros nacionais de escritores... Hoje, há uma solidão intelectual maior em Brasília embora promotores culturais como o poeta Amargedom procurem movimentar a nossa classe. Também o Instituto Histórico e Geográfico está promovendo boas reuniões culturais e a Secretaria de Cultura do DF já está desenvolvendo atividades, como o Projeto Classe Arte, que prometem êxito futuro.

JCT - Há mais de 30 anos você mora em Brasília - e porque quer. O santista, criado junto ao mar, apaixonou-se pelo cerrado?

CN - Amo o cerrado, sim. Vejo nele uma beleza rude, áspera, que me encanta. Suas flores são bizarras, sedutoras. Mas o que me prende a Brasília é que ela ensinou-me a ser pioneiro, isto é, ser útil, solidário, criativo. Em Brasília, pude ser um brasileiro melhor, isto é, mais dedicado à pátria. É claro que, no Rio ou em São Paulo, eu teria uma vida mais divertida e, porventura, brilhante. Mas como um brasileiro consciencioso de que o Brasil ainda carece de ser "terminado", aqui é um lugar melhor para o meu trabalho. Em Ipanema, eu estaria, à noite, ouvindo piadas deliciosas em choparias. Isto seria muito bom mas, para um brasileiro que ama o Brasil, aqui é um melhor lugar de trabalho. Foi assim que aprendi a amar Brasília.

JCT – Muito se tem debatido sobre questões editoriais e dificuldades enfrentadas pelos escritores locais. A que tais obstáculos poderiam ser atribuídos?

CN – Faltou um José Olympio em Brasília, um editor com visão e domínio do *métier*. Não podemos ter editoras fortes enquanto elas não se decidirem a cuidar da distribuição – que é o grande problema editorial do país. Lobato, o primeiro editor brasileiro, sabia disso e lutou para a solução do problema. E é claro que todo um programa cultural intenso, de caráter nacional, tem de ser feito permanentemente e com o apoio da mídia – tão esquecida do cultural, do ético...

JCT – Tem-se afirmado sistematicamente que a crítica literária está morta. Particularmente, acho que os seus espaços nos jornais foram suprimidos em função das exigências mercadológicas. Gostaria de conhecer sua opinião a respeito.

CN – A crítica literária não morreu; o que morreu foi o jornalismo inteligente feito primordialmente por escritores, por intelectuais, e não por comunicólogos de pouca leitura.

JCT – Gosto muito da expressão “comunicólogos de carteirinha” criada por você. Ela reflete muito bem o nível de mediocridade dos meios de comunicação. Isso é irreversível?

CN – Não sofro de paranóia; tenho sido até razoavelmente bem tratado. Não há, nas redações, inimigos dos escritores; o que há é uma diferença de gerações. A antiga lia e a atual não lê e conhece mais discos de *rock* do que os clássicos da nossa literatura.

JCT – Além das atividades de professor, você se dedica ao teatro, ao ensaio, à pesquisa, à poesia e, mais recentemente, às suas memórias. Como concilia tudo isso à vida



“Não sinto nostalgia da sala de aulas. Nunca fui, especialmente, um professor. Na verdade sou, em primeiro lugar, escritor. Um missionário das Letras”

participativa e combativa de um homem que está sempre presente em congressos, encontros, viajando de um lado para o outro constantemente?

CN – Um colega da UnB irônica ou maliciosamente proclamou que eu estava “em todas”! Realmente, estive em *muitas*, porque achei que essa era a minha obrigação, ou melhor, a minha missão. A vida para mim foi sempre constante aprendizado e a melhor maneira de aprender é conviver, trabalhar junto com os outros. Mas não foi totalmente fácil a minha carreira neste país pré-capitalista, com

resquícios coloniais e escravocratas, baseado no latifúndio estagnador e inimigo dos ideais progressistas.

JCT – Como tem sido sua vida fora da universidade, depois de uma experiência de mais de 40 anos? Existe alguma nostalgia? Algum ressentimento?

CN – Não sinto nostalgia da sala de aulas. Nunca fui, especialmente, um professor. Na verdade sou, em primeiro lugar, escritor e conferencista. Um missionário das Letras, da Cultura, sempre que posso. O magistério foi bom porque me permitiu so-

breviver, sem abandonar a Literatura.

Ressentimento? Na UnB, sofri, sim, um grande choque. Aconteceu quando a Editora da UnB, depois de ter aprovado o meu primeiro livro sobre Monteiro Lobato, resolveu esquecer o contrato e devolver-me os originais, sem nenhuma explicação. Esperara a publicação durante todo o ano de 1982, ano da comemoração do centenário de nascimento de Lobato.

A UnB não se dava conta de que a vinda, para Brasília, de intelectuais valiosos, artistas já conceituados, representava um prejuízo para eles, uma renúncia à projeção nacional. Deviam esses representantes da Cultura obter um apoio especial da Universidade por terem abandonado os grandes centros culturais onde é fácil conseguir êxito.

JCT – Autor de mais de uma vintena de livros e detentor de vários e importantes prêmios, você se sente um escritor realizado?

CN – Escritor realizado (no sentido da prática permanente da vocação) creio que sou. Tudo o que fiz foi Literatura. Reconheço, contudo, que num país mais adiantado, eu teria feito muito mais. Se tivesse continuado em São Paulo ou ido para o Rio de Janeiro, é certo que teria publicado mais e melhor.

JCT – Quais os seus poetas preferidos?

CN – Nos Estados Unidos, Whitman, Emily Dickinson, Robert Frost, Wallace Stevens. Na Alemanha, Goethe e Rilke. Na França, Victor Hugo e Verlaine. Em Portugal, António Nobre e Fernando Pessoa. No Brasil, Augusto dos Anjos, Raul de Leoni, Bandeira, Cecília, Drummond, Jorge de Lima e João Cabral.

JCT – Cite alguns livros que mais marcaram a sua formação.

CN – Na infância, *A Menina do Narizinho Arrebitado*, de Lobato. Na mocidade, *A Barca de Gleyre*, também de Lobato, que criou em mim a paixão pela literatura epistolográfica. Cartas, entrevistas, diários e biografias são as minhas leituras mais constantes. Detesto ficção científica. Quero a vida, a terra, a realidade, o quotidiano. Romain Rolland fortaleceu em mim a paixão pela justiça e pelos excluídos. Os “Journals” de Emerson revelam a beleza do transcendentalismo. Thornton Wilder, com quem cheguei a me corresponder, foi também leitura importante. Os grandes ensaístas brasileiros fazem-me amar mais o Brasil.

JCT – Considerando-se a evolução tecnológica e sabendo-se que as pessoas estão lendo cada vez menos, como você vê o futuro do livro?

CN – As pessoas estão lendo cada vez mais menos – e cada vez se transformando mais em mediócras e vulgares – e não é tanto por causa da nova tecnologia, mas pelo uso antiético, criminoso, que lhe é destinado. É fácil ver que está aumentando a ignorância da juventude e o pendor para o crime. A culpa não é da televisão (que é um invento maravilhoso) mas da exploração capitalista da televisão. Se não houver uma repulsa forte da sociedade a esse sistema abjeto, vamos ver logo o domínio do caos social. Vamos enfrentar o angustiante problema sem retórica nem hipocrisia!

JCT – A violência, hoje, está em todas as partes e sabemos, pelo noticiário dos jornais, que já aparece



“As pessoas estão lendo cada vez menos – e cada vez se transformando mais em mediócras e vulgares. A culpa não é da TV e sim da forma como ela é explorada”

com demasiada frequência em nossas cidades-satélites. Acha que podemos fazer algo para combatê-la?

CN – A violência aumentou tremendamente – e ainda está aumentando – no mundo inteiro, creio que posso dizer. É um caso novo e que precisa de ser estudado. Quais as causas principais da violência na atualidade? Isto é que necessitamos de saber. O êxodo das populações rurais, desmantelando as famílias e causando inchações nas cidades, é por certo um motivo forte do aumento da violência. Mas há também o apa-

recimento do crime na juventude das classes média e alta. Neste caso, a causa maior da criminalidade está na alienação provocada pela mídia. Os intelectuais de todo o mundo devem unir-se e denunciar o uso maléfico da mídia que perverte a juventude. Curiosamente, a fonte deste mal não é o Terceiro Mundo, mas o Primeiro!...

JCT – E o grande Monteiro Lobato? O que está nos preparando sobre ele?

CN – Ainda há muito o que se fazer por Monteiro Lobato! No momento, aguardo, pela Fundação Getúlio Vargas (CPDOC), a publicação da correspondência entre o autor de *Urupês* e o sábio Artur Neiva. Essa edição trará dois ensaios introdutórios de minha autoria. Há 10 anos, procuro editar essa correspondência! Que país, meu Deus! Nele, até Lobato é difícil de publicar!

JCT – Agora, a minha pergunta costumeira: qual o seu processo de criação? Como e quando nasce o poema?

CN – Meu processo de criação é simples. O poema nasce de um estímulo qualquer: um estado de espírito, uma observação, às vezes até uma notícia de jornal. Assim aconteceu com o meu poema “Biografia” sobre Cacilda Becker e o meu poema “Casa das Palmeiras”, a benemérita instituição criada pela Dra. Nise da Silveira.

JCT – Depois de 76 anos bem vividos, 31 dos quais em Brasília, de que maneira você poderia ser mais útil à sociedade?

CN – Acho que sou naturalmente útil à sociedade escrevendo, mas poderia ainda ser mais útil falando aos jovens de todas as classes, mesmo àqueles que penam nas prisões. Falaria das experiências da minha vida, da fidelidade a um ideal, da necessidade do estudo e do trabalho. O Ministério da Cultura faria um grande bem à nossa juventude, levando velhos sábios como Plínio Doyle e José Mindlin, Antonio Cândido e Oswaldino Marques, a falarem, com simplicidade, aos jovens. Os jovens da atualidade não são maus. Eles são, na verdade, abandonados numa sociedade egoísta e fútil.